

GUERRA RUSSO-UCRANIANA, QUASE 1.500 DIAS...

A guerra na Ucrânia entra em uma fase de desgaste moral e de recursos, onde a vitória depende da resiliência interna e não apenas de armas; enquanto a OTAN adia o clímax russo, a mídia ocidental começa a revelar as reais condições do conflito e o iminente colapso.

Gabriel Camilli*



Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

Hoje, retomaremos nossas “crônicas antecipatórias” sobre a guerra entre a Rússia e a Ucrânia. Como sabem nossos leitores fiéis, os chamados leitores ávidos, para Clausewitz, a guerra é a continuação da política por outros meios. Esta guerra se arrasta há mais de quatro anos, e isso ocorre porque os objetivos políticos de ambos os lados são irreconciliáveis e nenhum deles conseguiu impor sua vontade por meio de um golpe decisivo.

De um lado, a Rússia busca impor uma vontade política (neutralidade ucraniana, controle territorial, desmilitarização e desnazificação) que o adversário se recusa a aceitar. Do outro, a Ucrânia busca sua sobrevivência soberana como objetivo político.

Durante esta guerra, desenvolveu-se a Névoa da Guerra 2.0 e, como diz Clausewitz, o atrito.

A prolongação desta guerra é o resultado direto do atrito: aquilo que diferencia a guerra no

papel da guerra real. Hoje, testemunhamos atritos logísticos e externos: o apoio dos aliados internacionais à Ucrânia atua como força contrária ao poderio russo, prolongando o conflito para além do que as capacidades locais permitiriam. Diria a OTAN: *“Lutaremos até o último ucraniano.”*

O prolongamento da guerra produz um claro desgaste; assim, esta guerra se transformou em uma luta por recursos e resiliência estatal, onde o objetivo é romper a “estrutura moral” do inimigo, em vez de destruir completamente seu exército.

Em relação à narrativa da OTAN, começamos a observar que, cada vez mais, até mesmo grandes veículos de comunicação como o *Washington Post* e o *New York Times*, estão noticiando as condições reais na Ucrânia e as baixas. Seria este um ponto de virada, em que a mídia começa a mudar a narrativa para o povo americano (e seus aliados) ao relatar a realidade do que realmente está acontecendo no Leste Europeu?

De acordo com nossa análise, encontramos amplas evidências disso, incluindo um artigo de opinião do coronel Douglas Macgregor, do Exército dos EUA, intitulado *“A Tempestade que se Aproxima”*. Nesse relato, ele apresenta diversas evidências de que, dentro do governo Trump, algumas figuras-chave disseram: *“Vejam, tudo está dando errado, a Ucrânia vai entrar em colapso, lidamos mal com isso, precisamos sair, precisamos encontrar uma maneira de nos distanciar disso.”* Macgregor disse: *“Acredito que foram dadas ordens à mídia para divulgar gradualmente as notícias ao povo americano. E acho que isso também vai acontecer na Europa: que as coisas não correram bem, que a Ucrânia não vai vencer e que não vamos apoiar perpetuamente essa guerra por procuração contra a Rússia. Então, acho que isso é verdade, e se você olhar especificamente para as últimas 48 horas no New York Times e no Washington Post, eles estão dizendo coisas que eu e outros temos dito há meses: ucranianos estão sendo horivelmente massacrados. A proporção entre russos e ucranianos tem oscilado; para cada russo morto, houve nove ou dez ucranianos mortos. Depois, caiu por um tempo para sete ou oito, depois para um para cinco, e agora voltou a subir para cerca de um para oito ou um para nove. Não se pode lutar e vencer uma guerra dessa forma.”*

RESISTÊNCIA

Retomando Clausewitz: o clímax e o moral são os fios que sustentam ou quebram a resistência em uma longa guerra. Vejamos como relacionamos esses conceitos a este momento da guerra na Ucrânia:

1. O Clímax da Vitória é o momento em que o atacante (neste caso, a Rússia) esgota seu ímpeto e seus recursos são insuficientes apenas para manter o que foi conquistado, sem

conseguir avançar mais.

A armadilha do avanço: ao alongar suas linhas de suprimento e sofrer baixas, o atacante enfraquece, enquanto o defensor, ao recuar, torna-se “relativamente” mais forte, lutando perto de suas bases. Observe que a Rússia evitou “alongar” suas linhas de suprimento, o que explica por que o “avanço” é controlado (muitos nos perguntam por que a Rússia não avança mais rápido...).

Na Ucrânia: o apoio externo ou a mobilização interna “recarregam” essa energia, impedindo que o conflito termine devido ao esgotamento total de um dos lados.

2. Moral (Forças Morais): Clausewitz disse que *“a guerra não é apenas a destruição das forças físicas, mas também a destruição das forças morais”*. O centro de gravidade: Se a vontade de lutar da população ou do Exército ucraniano se quebrar, a guerra termina, mesmo que eles tenham armas. O mesmo se aplica à coesão interna russa.

Resiliência versus Massa: A Ucrânia compensou sua falta de massa (número de tropas e tanques) com uma moral defensiva superior (o fator psicológico de defender o lar). No entanto, Clausewitz alerta que a moral não é infinita; o desgaste físico constante acaba por corroer até mesmo o espírito mais forte.

Em resumo: a guerra se arrasta porque nenhum dos lados conseguiu levar o outro além de seu “ponto de ruptura moral”, e o apoio internacional impede que a Ucrânia atinja seu “ápice defensivo” (ficar sem meios de resistência).

RECURSOS HUMANOS

De acordo com nossos informes, a situação em relação à obtenção de mão de obra para o combate é muito preocupante. Há *“gangues de pessoas circulando, prendendo-os nas ruas de Odessa. Recebi vídeos de ucranianos em um café; alguns são crianças, outros têm mais de 40 anos, e são simplesmente abordados à força, arrastados para fora de cafés, restaurantes, bares, qualquer lugar onde os encontrem, colocados em vans e informados: ‘Vocês vão para a frente de batalha.’ Alguns, se tiverem sorte, recebem duas ou três semanas de treinamento, o que obviamente é insuficiente. E a maioria das pessoas com experiência em combate, que poderiam ter um bom desempenho em certas circunstâncias, estão mortas ou feridas. Portanto, esta é uma proposta fadada ao fracasso, e Zelensky está simplesmente conduzindo pessoas para o fogo russo”*, disse Douglas Macgregor, adiando o Clímax.

Normalmente, um defensor se exaure quando seus recursos físicos (munição, tanques, dinheiro) se esgotam. Clausewitz diria que o defensor atinge seu ápice defensivo e a

resistência entra em colapso. Mas na Ucrânia...

O “pulmão artificial”: A ajuda da OTAN e seus aliados atua como uma fonte de energia externa, impedindo a Ucrânia de chegar a esse ponto. Ao receber um fluxo constante de armas e informações, o “desgaste físico” é mitigado, permitindo que o moral permaneça operacional.

O dilema do atacante: Para a Rússia, isso significa que o “ápice da vitória” é adiado ou se torna mais difícil de alcançar. O que antes exigia a tomada de uma cidade agora exige a destruição de uma cadeia de suprimentos originária de fora das fronteiras da Ucrânia – algo que a Rússia não pode atacar diretamente sem escalar para uma guerra em grande escala com a OTAN. Ambos os lados têm as mãos atadas na chamada “profundidade estratégica”.

O RISCO ATUAL: EXAUSTÃO MORAL

Embora a ajuda externa resolva o problema das “armas” (tanques, projéteis), Clausewitz alerta que isso não pode substituir a presença real de tropas em campo: a infantaria. Se a população ucraniana sentir que o sacrifício é interminável, ou se a população russa sentir que a glória não compensa o isolamento, a estrutura moral se rompe. Portanto, o prolongamento atual é uma aposta: a Rússia aposta que o Ocidente se cansará primeiro (desgaste político), enquanto a Ucrânia aposta que o Exército russo se fragmentará internamente antes de ficar sem homens (desgaste humano).

A Névoa da Guerra 2.0 não pode ser mantida. Aos poucos, a verdade está vindo à tona.

Publicado no [La Prensa](#).

****Gabriel Camilli** é coronel mayor da reserva do Exército Argentino, formado Oficial de Infantaria pelo Colégio Militar de La Nación. Além de mestre em Assuntos Militares pela Universidade do Norte, possui licenciatura em Relações Públicas e Institucionais pela UADE. Fluente em inglês e italiano e com boa comunicação em alemão, possui ampla experiência, tendo participado ativamente em mediações e negociações no âmbito da ONU, além de atuar como representante da Argentina junto a missões diplomáticas e negociações entre empresas alemãs, suecas e austríacas. Atualmente é diretor do Instituto ELEVAN.*
